

VESTÍGIOS – Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica
Volume 18 | Número 1 | Janeiro – Junho 2024
ISSN 1981-5875
ISSN (online) 2316-9699

**O CASO DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO FAZENDA BRAÚNA I:
ANÁLISE DE UM SÍTIO HISTÓRICO SERTANEJO**

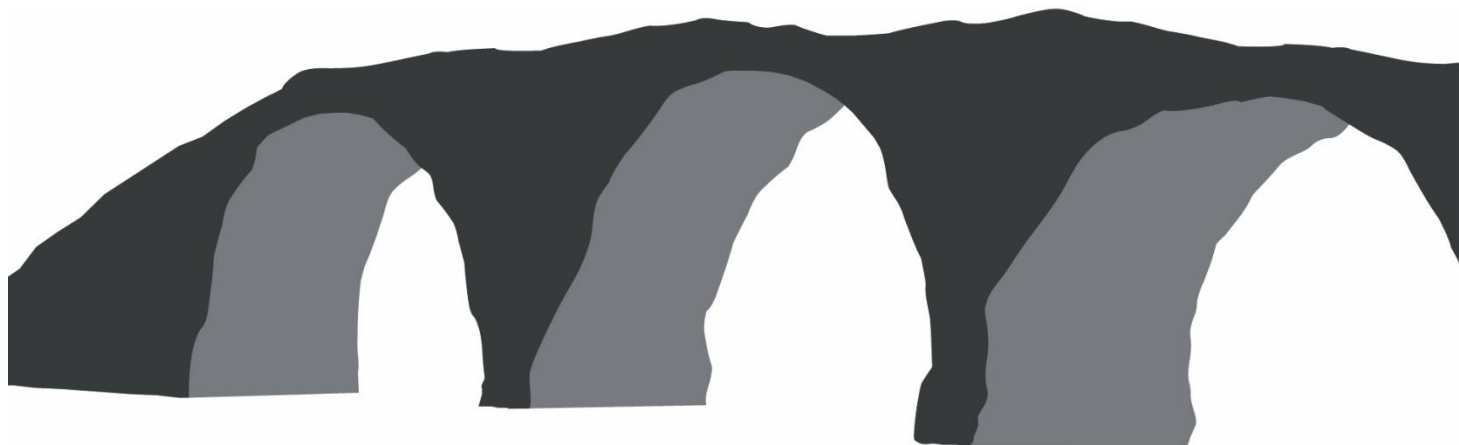
**EL CASO DEL SITIO ARQUEOLÓGICO FAZENDA BRAÚNA I:
ANÁLISIS DE UN SITIO HISTÓRICO SERTANEJO**

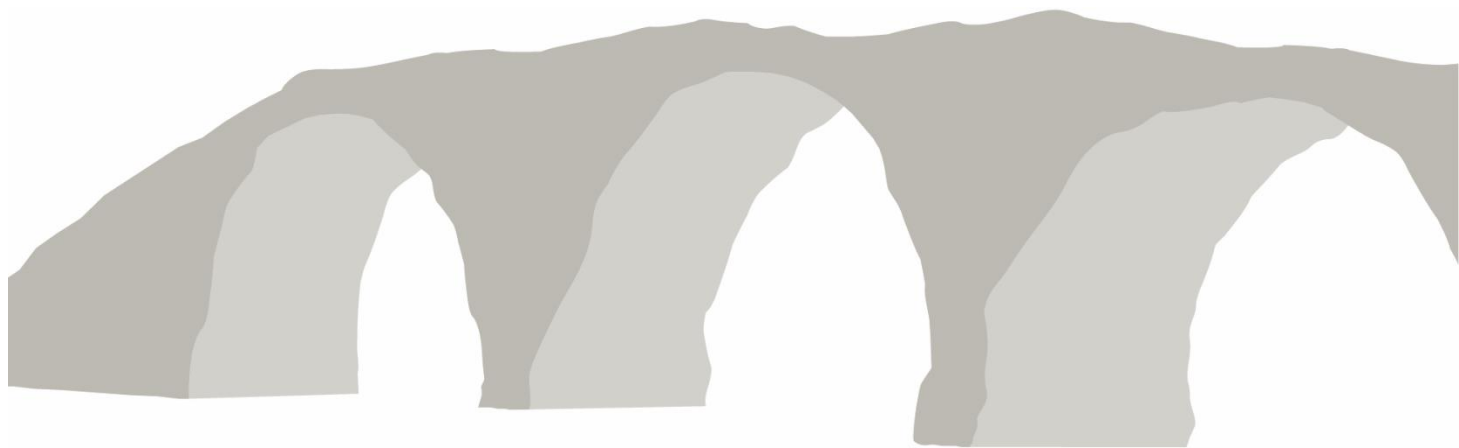
**THE CASE OF THE FAZENDA BRAÚNA I ARCHAEOLOGICAL SITE:
ANALYSIS OF A SERTANEJO HISTORICAL SITE**

Marcone da Cunha Carneiro

Cristiana de Cerqueira Silva Santana

Joyce Avelino Carneiro Santana





Submetido em 27/06/2023.

Revisado em: 25/10/2023.

Aceito em: 17/11/2023.

Publicado em 29/01/2024.

O CASO DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO FAZENDA BRAÚNA I: ANÁLISE DE UM SÍTIO HISTÓRICO SERTANEJO

EL CASO DEL SITIO ARQUEOLÓGICO FAZENDA BRAÚNA I: ANÁLISIS DE UN SITIO HISTÓRICO SERTANEJO

THE CASE OF THE FAZENDA BRAÚNA I ARCHAEOLOGICAL SITE: ANALYSIS OF A SERTANEJO HISTORICAL SITE

Marcone da Cunha Carneiro ¹

Cristiana de Cerqueira Silva Santana ²

Joyce Avelino Carneiro Santana ³

RESUMO

A ocupação histórica do sertão nordestino, na região do Sítio Fazenda Braúna I está relacionada à colonização do sertão baiano, em especial à expansão dos currais de gado. Esta pesquisa é desenvolvida no município de Nordestina, Bahia e objetiva contribuir para a compreensão da ocupação histórica nesta localidade que de acordo com a história oficial data do ano de 1937. A metodologia incluiu escavação e análise dos vestígios arqueológicos e entrevistas com residentes locais. A fazenda margeava o rio Itapicuru apresentando sede, olaria e casa de farinha, indicando certa autossuficiência dessas famílias sertanejas. A construção da fazenda remonta a finais do século XIX, anterior aos dados historiográficos oficiais. A escavação de 184 quadras resultou em sete líticos, 695 cerâmicas, 247 louças, 459 vidros, 115 metais e quatro fragmentos de madeira. Observam-se muitos itens para o preparo de alimentos como panelas, fragmentos de tigelas e potes cerâmicos de produção local-regional; fragmentos de pratos, xícaras e pires de louças, talheres, garrafas de bebida e frascos de medicamentos em vidro. A variabilidade da cultura material aponta para uma economia sertaneja com autonomia rural, mesmo com a presença de objetos produzidos no Sudeste, indicando interesse pela modernidade da época.

Palavras-chave: Ocupação histórica, Sertão baiano, economia rural.

¹ Pesquisador. Vinculado a Patrimônio Consultoria e Empreendimentos LTDA. Rua Olímpio de Carvalho, nº139, Pêra, Senhor do Bonfim, Bahia, Brasil. E-mail: marconne.cunha@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-8080-5326>.

² Professora Adjunta. Departamento de Educação, Campus VII. Universidade do Estado da Bahia. Programa de Pós-Graduação em ecologia Humana. Rodovia Lomanto Jr, Br. 407 km 127, s/n, Senhor do Bonfim, Bahia, Brasil. E-mail: ccsilva@uneb.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7389-1033>.

³ Professora. Departamento de Educação, Campus VII. Universidade do Estado da Bahia. Rodovia Lomanto Jr, Br. 407 km 127, s/n, Senhor do Bonfim, Bahia, Brasil. E-mail: joycesantana@uneb.br. ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-0106-9156>.

RESUMEN

La ocupación histórica del interior nororiental, en la región del Sitio Fazenda Braúna I, está relacionada con la colonización del interior bahiano, especialmente con la expansión de los corrales ganaderos. Esta investigación se lleva a cabo en el municipio de Nordestina, Bahía, y tuvo como objetivo contribuir a la comprensión de la ocupación histórica en este lugar, que según la historia oficial data de 1937. La metodología incluyó excavación y análisis de restos arqueológicos y entrevistas con residentes locales. La finca bordeaba el río Itapicuru presentando una estructura que funcionaba como fábrica de ladrillos y molienda de harina, lo que indica cierta autosuficiencia de estas familias campesinas. La construcción de la finca se remonta a finales del siglo XIX, anterior a los datos historiográficos oficiales. La excavación de 184 cuadrículas arrojó como resultado siete líticos, 695 cerámicas, 247 vajillas, 459 vidrios, 115 metales y cuatro fragmentos de madera. Se pueden observar numerosos elementos para la preparación de alimentos, como cacerolas, fragmentos de cuencos y vasijas de cerámica de producción local-regional; fragmentos de platos, tazas y platillos de vajilla, cubiertos, botellas de bebidas y frascos de vidrio para medicamentos. La variabilidad de la cultura material apunta a una economía del país con autonomía rural, incluso con la presencia de objetos producidos en el Sudeste, indicando un interés por la modernidad de la época.

Palabras clave: Ocupación histórica, interior de Bahía, economía rural.

ABSTRACT

The historical occupation of the northeastern hinterland, in the Sitio Fazenda Braúna I region, is related to the colonization of the Bahian hinterland, especially the expansion of cattle corrals. This research is carried out in the municipality of Nordestina, Bahia and aimed to contribute to the understanding of the historical occupation in this location, which according to the official history dates back to 1937. The methodology included excavation and analysis of archaeological remains and interviews with local residents. The farm bordered the Itapicuru River with headquarters, a brickyard and a flour house, indicating a certain self-sufficiency of these country families. The construction of the farm dates back to the end of the 19th century, prior to official historiographical data. The excavation of 184 grid squares resulted in seven lithics, 695 ceramics, 247 crockeries, 459 glass, 115 metals and four wooden fragments. Many items for preparing food can be seen, such as pans, fragments of bowls and ceramic pots of local-regional production; fragments of plates, crockery cups and saucers, cutlery, drink bottles and glass medicine bottles. The variability of material culture points to a country economy with rural autonomy, even with the presence of objects produced in the Southeast, indicating an interest in the modernity of the time.

Keywords: Historical occupation, Bahia hinterland, rural economy.

INTRODUÇÃO

A ocupação histórica do sertão baiano está intrinsecamente relacionada aos registros documentais da colonização do sertão, que, por sua vez, estão associados à bacia do rio São Francisco e outras bacias como a do Itapicuru. Essas vias navegáveis abriram caminhos para o início da pecuária na região, impulsionada pela exploração das terras ricas em minérios valiosos, como ouro e diamante.

Este estudo se originou no âmbito da arqueologia preventiva, conduzida como parte do processo de licenciamento ambiental para uma mineração de diamantes no município de Nordestina, Bahia, em meados de 2015. Durante a pesquisa, foi identificado e escavado o Sítio Arqueológico Histórico Fazenda Braúna I.

Curiosamente, os registros históricos oficiais do município, de acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), apontam a origem da região a partir de 1937, quando dois fazendeiros, conhecidos como "os desbravadores" – Tertuliano de Souza Pereira e Gregório Batista – chegaram com o objetivo de estabelecer atividades comerciais relacionadas à fibra do caroá e casca de angico. No entanto, durante a pesquisa realizada em colaboração com a comunidade local, surgiram informações que indicam uma ocupação regional mais antiga. Esses dados sugerem que o Sítio Braúna I, em particular, pode ter sido uma das primeiras fazendas na região, possivelmente antecedendo a chegada dos mencionados desbravadores.

Essa nova evidência histórica nos leva a reavaliar a narrativa tradicional e reconhecer que a história da região remonta a um passado mais longínquo do que se acreditava anteriormente, o que confirma uma rica e complexa trajetória de ocupação que merece uma investigação mais aprofundada.

É importante ressaltar que o estudo da Arqueologia Histórica fornece uma perspectiva da formação do mundo moderno por meio da cultura material, considerando elementos que representam comportamentos, práticas e ideias tanto em termos materiais quanto simbólicos, inseridos nas interações cotidianas (Gheno & Machado, 2013). Vale ainda afirmar que a Arqueologia Histórica, muitas vezes é uma das poucas ciências capazes de reafirmar, aprofundar e até negar narrativas históricas, a partir de dados materiais pesquisados.

Nesse contexto, observamos que as visões superficiais persistem quando se trata das temporalidades ligadas ao período colonial e das espacialidades associadas aos diversos tipos de fazendas existentes na época. Portanto, o objetivo desta pesquisa é contribuir para uma compreensão mais abrangente da ocupação histórica nessa região e enriquecer nossa concepção da história e desenvolvimento do sertão nordestino ao longo do tempo.

OCUPAÇÃO HISTÓRICA NA REGIÃO DE NORDESTINA

A importância da ocupação histórica da área estudada, especificamente na área do Sítio Fazenda Braúna I, é que a mesma está relacionada ao período inicial da colonização do sertão baiano, associada à região do Rio São Francisco, seus afluentes e bacias vizinhas, onde abre caminhos para a história da pecuária nordestina. Tal relato se faz, porque a expansão da economia do gado adentrou o sertão devido ao plantio da cana-de-açúcar também acontecer nas terras férteis à margem do Rio São Francisco e seus afluentes. As correntes de povoamento aconteceram em duas vias, uma seguiu o curso do Rio São Francisco ao Itapicuru e a outra seguiu as regiões litorâneas de Pernambuco ao Ceará (Hohenthal Junior, 1960).

Desde o início da inserção portuguesa no Brasil que o interesse pelo rio São Francisco foi despertado, pois associavam essa área às minas de pedras preciosas e muitas expedições foram organizadas e adentraram-se pelos sertões com esse objetivo (Silva, 2003). Assim, a ocupação inicial da bacia do Itapicuru também remonta ao período de colonização da bacia do São Francisco, são bacias contíguas, e ambas foram áreas de atuação dos bandeirantes que, no caso específico do alto Itapicuru, se buscou ouro nas serras de Jacobina (Neves, 2012).

Contudo, as primeiras expedições tinham como principal objetivo as entradas, em busca de pedras preciosas e mão de obra indígena. A partir do pedido do então governador Tomé de Souza, o padre Francisco Bruza Espinhosa dirigiu a primeira expedição, com doze homens e muitos índios, os quais adentraram pelo vale do Jequitinhonha e percorreram um grande rio, que dizia ser o São Francisco. É sabido que nesse momento o ouro não foi encontrado, mas o padre deixou uma primeira descrição daquela região e do seu povo (Hohenthal Junior, 1960).

Durante todo o século XVI, sertanistas percorreram o sertão na tentativa de descobrir nessa região riquezas minerais. No entanto, muitos foram vencidos pela malária, pela fome e pelos ataques indígenas. Sobre os nativos da região o cronista Gabriel Soares de Souza mencionou haver três gerações inimigas umas das outras (De Sousa, 1851), que Barbosa Lima Sobrinho acredita serem os *Caetés*, os *Tupinaês* ou *Tupinambás* e os *Amoipiras*, que dominavam o médio São Francisco no século XVI (Silva, 2003).

A ocupação do sertão da Bahia foi realizada por missionários, criadores de gado e lavradores com concentrações primariamente em torno do aldeamento de índios protegidos por jesuítas e missionários (Mattoso, 1992).

É importante salientar que, durante toda a vivência muitas anotações eram realizadas pelos sertanistas, mas muitas delas relacionadas sobre suas jornadas nas minas e muito pouco sobre a historiografia da região. Já os relatos dos jesuítas são falas das consequências das entradas chegando ao sertão e a descrição, o comportamento de seus habitantes, e as mudanças observadas nos grupos sociais nativos, em que mostraram que vários índios se uniram aos desbravadores e lutaram contra outros grupos indígenas (Pompa, 2003).

Os jesuítas sempre deixaram claro que a sua função ali era somente catequisar os indígenas, existia uma forte desconfiança contra eles, entretanto outros grupos indígenas procuravam proteção nas aldeias jesuíticas, o que fez perceber existir um território dividido por diversos grupos e diferentes inimigos. No mais, em alguns momentos os jesuítas se tornaram os mediadores desses povos (Pompa, 2003).

Para Mattoso (1992), os caminhos pioneiros em busca de ouro e pedras preciosas durante muito tempo foram as únicas linhas de ligação entre a capital e os sertões, além de que muitos núcleos urbanos foram tornados possíveis a partir desses caminhos.

Mas, a colonização só viria a acontecer de fato nessa região, como nas demais regiões do Brasil, após o ano de 1534. Quando o rei D. João III dividiu o Brasil em Capitanias Hereditárias, sistema que se embasava na distribuição de terras entre homens de confiança da Corte (fidalgos da pequena nobreza, homens de negócios, funcionários burocratas e militares) (Diniz, 2005).

Essas capitanias eram estimadas em grandes proporções de terras com características de estabelecimento militar e econômico servindo tanto para a defesa externa, como para incentivar o comércio português. Os donatários das capitanias tinham poder de fundar povoações, nomear funcionários, cobrar impostos, administrar judicialmente as terras e explorar a Colônia (Diniz, 2005).

A Bahia neste caso foi dividida em três capitanias: a capitania de Ilhéus, a capitania de Porto Seguro, e a capitania da Bahia. Os capitães-donatários possuíam poucos direitos em usufruir da terra, pois só detinham

20% das terras e eram obrigados a distribuir os outros 80%, a título de sesmarias, para que as mesmas fossem obrigatoriamente cultivadas, ou seja, as terras pertenciam à coroa Portuguesa (Diniz, 2005). Contudo, foi a partir das sesmarias que o sertão baiano passou a ser verdadeiramente ocupado, pois torna-se produtivo com as plantações dos sesmeiros.

Houve também um amplo desenvolvimento de fazendas de gado, algumas com edificações como sede, senzala e casa de trabalhadores, outras ainda mais prósperas teriam além dessas instalações capela, venda, pouso de tropeiros, dentre outras. Tudo isso foi crucial para o desenvolvimento e crescimento desse trecho do sertão, que tem sua origem a partir das tropas de boiadas que desciam para a capital São Salvador (Batista, 2001).

A região do médio Itapicuru, onde se insere o atual município de Nordestina, seguiu este mesmo modelo de ocupação relativa ao ciclo do gado, tendo sido toda a faixa do médio e baixo Itapicuru pertencente à Sesmaria da Casa da Torre, da família Garcia D'Ávila, que detinha os criatórios extensivos de gado, nos pastos nativos da região. Esse modo de ocupação necessitava de constante ampliação de terras e, à medida em que o gado subia o São Francisco, tornava-se necessária a criação de outros caminhos como o do Itapicuru e outros rios, a fim de evitar a caatinga seca, onde o gado percia (Neves, 2012).

Foi nesse contexto que a região de pesquisa foi colonizada, enquanto faixa margeada do rio Itapicuru, fértil e suficientemente úmida para prover as fazendas com água e assim criar e conduzir rebanhos de gado.

METODOLOGIA

LOCALIZAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

O Sítio arqueológico Braúna I situa-se na zona rural do município de Nordestina (Figura 1), que é um município circunscrito na mesorregião do Nordeste Baiano (IBGE, 2022).

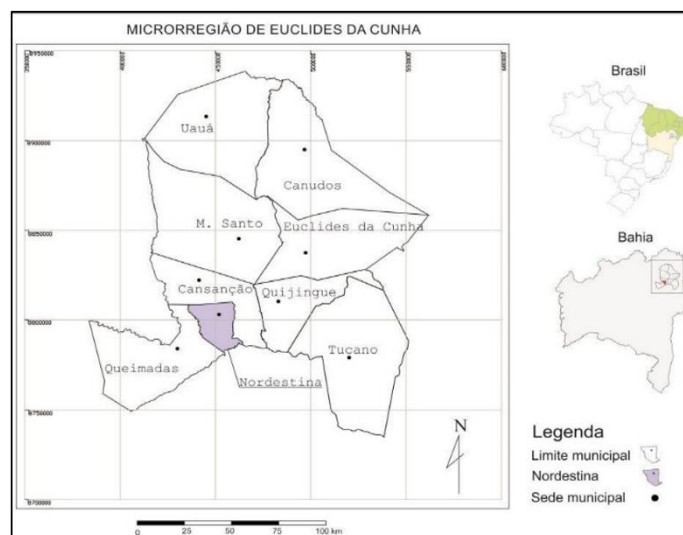


Figura 1. Localização da área da pesquisa e Sítio Arqueológico Braúna I. Fonte: elaborado pelos autores.

Este município é integrante do semiárido baiano, totalmente inserido no bioma Caatinga, sendo assim parte do sertão nordestino. Pertence à bacia do rio Itapicuru, cujo curso principal passa a aproximadamente 17

quilômetros da sede do município, e a 270 metros do sítio arqueológico. O sítio Braúna I está localizado na coordenada (UTM) 24L 8791184 455240.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Anterior ao início das escavações, a área foi prospectada com a realização de sondagens, principalmente em suas extremidades para observar a distribuição dos vestígios e definir o tamanho real do sítio, originalmente 1.748 m².

Após a delimitação do sítio, realizamos a supressão da vegetação rasteira (composta por Poaceae e Malvaceae), limpeza da superfície (retiradas de rochas grandes), realização da topografia e quadriculamento/estaqueamento. Em seguida, inserimos o sítio em uma malha com controle de coordenadas X e Y. As quadras foram delimitadas em 2m x 2m e com codificação por meio de números e letras. Anterior à escavação foi realizada a coleta de superfície, visto que o sítio apresentava ampla quantidade de material distribuído por toda a sua extensão.

A escavação ocorreu de acordo com a remoção das unidades estratigráficas por níveis artificiais, numa sequência da superfície para baixo, em níveis de 10 cm e algumas quadras e em outras com 20 cm, devido a uma menor concentração de vestígios. O registro de unidades estratigráficas consistiu na descrição das suas características visuais (coloração, textura, tipo de sedimento), complementadas com os registros dos materiais identificados.

Os sedimentos de cada quadra e nível foram peneirados separadamente em peneiras com malhas de 5 mm. Após o peneiramento os vestígios foram separados e recolhidos em sacos plásticos, devidamente identificados e acondicionados em caixas plásticas.

Em laboratório ocorreu a triagem, seguida da lavagem que é realizada segundo a natureza e fragilidade das peças. Após a lavagem dos vestígios, estes foram secos à sombra em bancadas ou em estufa. Todos os procedimentos de campo e laboratório foram acompanhados de documentação escrita e fotográfica detalhada.

Para os procedimentos de análise buscou-se essencialmente a descrição dos vestígios que permitam uma melhor compreensão do contexto arqueológico baseados em bibliografias específicas como os pressupostos teóricos metodológicos de Brancante (1981), Lima (1995, 1997), para louças. Para vestígios vítreos, Zanettini & Camargo (1999) e Juliani & Santos (2003), e para vestígios cerâmicos, Brochado (1974), Chmyz (1976), Dias Jr (1988) e La Salvia & Brochado (1989).

Outro importante procedimento de coleta de dados se referiu às entrevistas realizadas com a herdeira da Fazenda Braúna e sua mãe. As entrevistas foram essenciais para contextualizar os achados arqueológicos que foram evidenciados durante as escavações.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A escavação do sítio foi totalizada em 184 quadras, e mais sondagens de 30 quadras para constatar a esterilidade das mesmas e distribuição de vestígios em subsuperfície. A escavação evidenciou os alicerces (fundações) da casa, piso, áreas de descarte (monturo), cozinha, área da casa-de-farinha e do forno da olaria;

resultou em um total de sete líticos, 695 fragmentos cerâmicas, 247 fragmentos de louças, 459 vidros, 115 metais e quatro fragmentos de madeira.

As quadras escavadas apresentaram maior profundidade que as demais áreas, chegando até 30 cm. No restante do sítio, verificou-se quadras com níveis de no máximo 20 cm e sua maioria com 10 cm de profundidade.

O sedimento do sítio em superfície apresentou coloração escura, principalmente na área do monturo (termo sertanejo para lixo) devido a maior quantidade de matéria orgânica. Nas demais áreas do sítio a coloração se apresentava amarelada. Em profundidade, o sedimento passou a apresentar uma coloração avermelhada e com textura argilosa.

A CASA E DEMAIS ESTRUTURAS DA FAZENDA

A sede da fazenda encontra-se na atualidade sob a condição de ruína, com apenas uma parede em posição vertical; no entanto, uma fotografia cedida por uma das herdeiras da propriedade mostra a casa ainda edificada (Figura 2).



Figura 2. Sítio Fazenda Braúna I. À esquerda: estrutura da casa antiga; à direita: ruínas da casa antes das escavações.
Fonte: Fotografia da esquerda cedida pela herdeira da propriedade; fotografia da direita dos autores.

Durante a escavação foram encontradas apenas partes dos alicerces da casa, parte do piso em tijolaria, além de materiais construtivos como tijolos em adobe, telhas e apenas uma parede sustentada por algumas estruturas em madeira provenientes da própria casa. Além da residência, agregada a ela, na porção Oeste do mesmo terreno foram identificados o monturo, os alicerces de uma casa de farinha e uma estrutura de forno pertencente a uma olaria para a fabricação e queima de telhas e pisos (Figuras 3 e 4).

Segundo os relatos de parentes dos antigos moradores da propriedade, a casa inicialmente foi construída com madeira da própria Caatinga e barro, uma casa de taipa. Essa residência provisória permitiu à família ter tempo de fabricar telhas, adobe e piso para a construção da sede permanente. Toda a alvenaria era de produção artesanal, feita pela própria família, na olaria situada à Oeste da casa.

O CASO DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO FAZENDA BRAÚNA I:
ANÁLISE DE UM SÍTIO HISTÓRICO SERTANEJO

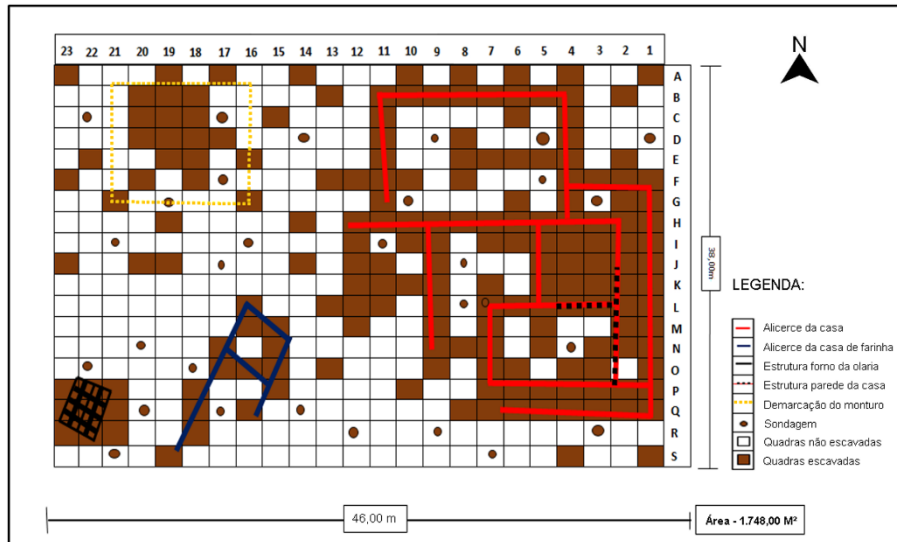


Figura 3. Croqui do quadriculamento, com disposição das estruturas e alicerces encontrados.
Fonte: Croqui elaborado pelos autores.



Figura 4. Sítio Braúna I. à esquerda: parte do piso em tijolaria;
à direita: forno da olaria utilizado para a queima de telhas e pisos. Fontes: Fotografias dos autores.

Durante as escavações, numa das partes em que foi descoberto o piso estava gravada a data do ano de 75; segundo a herdeira, coincide com o período da última reforma realizada na casa, no ano de 1975.

Após as medidas, a sede da fazenda apresentou as dimensões de 12,5 m por 7,90 m; contudo, um alicerce foi evidenciado circundando-a em algumas partes, com distância de seis metros aproximadamente da mesma. Segundo informações dos moradores locais, este alicerce correspondia a um muro que separava a casa do restante da propriedade (roçado).

As fundações evidenciadas foram essenciais para o entendimento dos cômodos da casa. Nesse sentido foram identificados seis cômodos, sendo que em um deles se localizava a cozinha, onde havia a presença de cinzas sobre o piso batido em barro.

As áreas que foram diagnósticas como cômodos da casa apresentaram-se muito rasas, em sua maior parte cobertas por alvenaria e abaixo disso apenas sedimento areno-argiloso ou o próprio piso da casa, ora batido, ora de barro (tijolaria de fabricação caseira).

No alicerce havia pedras com marcas de uso, orifícios pequenos, tratam-se de bigornas para a quebra de licuris (ouricuri), que foram reaproveitadas nas fundações, segundo informações da legatária da propriedade. O licuri é um vegetal muito presente na região, tanto na atualidade quanto no passado, e muito utilizado na

alimentação humana, sendo ainda uma importante fonte de renda entre comunidades rurais sertanejas. Segundo informações dos moradores locais, a região onde se encontra o sítio possuía no passado uma grande quantidade de pés de licuri, que era aproveitada na alimentação da família e também levada para venda na feira livre da cidade.

O licuri sempre esteve presente na vida dos sertanejos. O “ururucuri”, como designado no início da colonização, era muito apreciado, conforme Gabriel Soares de Sousa: “quem anda pelo sertão tira este miolo e coze-o em um alguidar ou tacho, sobre o fogo, onde se lhe gasta a humidade, e é mantimento muito sadio, substancial e proveitoso aos que andam pelo sertão, a que chamam farinha de páo” (De Sousa, 1851, p. 191).

A estratigrafia de algumas quadras mostra claramente episódios deposicionais de restos de cinzas e carvões que segundo o relato de parentes dos antigos moradores, as cinzas eram retiradas do fogão a lenha e jogadas no terreno. Assim, em algumas áreas, especificamente na face Oeste do sítio, abaixo de 10 cm de profundidade, foi possível observar um acúmulo de cinzas, com cerca de 20 cm de profundidade indicando o local de descarte das cinzas do fogão.

Ainda na parte Oeste da fazenda se localizaram duas outras estruturas, estas relacionadas a anexos produtivos da fazenda, a saber as fundações de uma casa de farinha e uma pequena olaria com forno para a queima de telhas e pisos utilizados para construção da própria habitação, conforme já mencionado.

No decorrer da escavação foi possível verificar que algumas quadras fora do perímetro da residência mantinham uma maior concentração de vestígios. O local foi identificado como sendo o monturo da casa, chamado assim por ser um local de descarte e que estava também localizado no lado Oeste.

Observa-se que o local de descarte de cinzas do fogão, o monturo, a olaria e a casa de farinha estão todos localizados a Oeste da residência. Na região Nordeste do Brasil os ventos predominantes são de Leste (Silva *et al.*, 2002), desta forma a localização dessas estruturas no lado Oeste da casa é proposital. Esse tipo de organização espacial permite o devido conforto olfativo quanto ao monturo e proteção contra fuligens dos fornos, impedindo, assim, o retorno de odores e fumaças para o interior da casa.

A casa de farinha foi identificada devido à grande quantidade de cinzas encontradas durante as escavações, e partes das fundações que circunscrevem um espaço de aproximadamente 2,5 m por 10 m. Com o processo de escavação se evidenciou a área do forno em uma das suas extremidades, além da presença de utensílios encontrados próximo ao local, como facas, vidros, louças, alguns tipos de cerâmicas, telhas, ferragens, moedas e líticos.

As casas de farinha surgem no Brasil logo após a chegada dos portugueses, e já em 1.590 colonos passam a cultivar roças para subsistência, tendo na mandiocultura uma das mais importantes fontes de alimento e renda (Mascarenhas, 2017). É nos espaços das casas de farinha que parte da produção campesina se dá, nos mais diversos momentos históricos do Nordeste.

Segundo informações orais colhidas em campo, junto a legatária das terras do Sítio Braúna I, a casa de farinha esteve presente por muitas décadas na localidade onde trabalhavam homens, mulheres e crianças e que cabia às crianças e mulheres o trabalho da raspagem da mandioca; às mulheres ainda cabia a limpeza da casa de farinha. As facas eram exclusivas das mulheres e crianças e cada uma possuía sua própria faca. A prática da raspagem da mandioca é associada ao trabalho feminino e infantil e isto é ainda uma das marcas dessa atividade na atualidade, hoje muito menos relacionada às crianças, mas mantida entre as mulheres (Pacheco, 2017).

No Nordeste brasileiro a mandioca é uma cultura amplamente cultivada devido à sua adaptabilidade às condições climáticas e ao solo. Contudo, poucas são as casas de farinha que ainda mantêm estruturas

tradicionais, com operação gerida pelos próprios núcleos familiares, embora tradicionalmente a produção de farinha de mandioca nas casas de farinha seja uma atividade comunitária, envolvendo várias etapas e a participação de diferentes membros das famílias (Araújo, 2016).

A olaria foi identificada a partir do forno e também devido à presença de muitas telhas por sobre o forno. A presença da olaria indica a fabricação caseira dos próprios elementos construtivos como telhas e pisos em tijolaria existentes na sede da Fazenda Braúna. A olaria esteve ativa até a década de 1970, quando segundo a sucessora da fazenda, seu pai fez a última reforma. Em um dos pisos pode se observar o carimbo da produção, bem como uma telha com o nome do último oleiro, Sr. Moreira, pai da entrevistada. De acordo com De Lima *et al.*, (2019), as escolas de olaria foram trazidas ao Brasil da península ibérica e se disseminaram entre as práticas produtivas essenciais para a construção das casas no sertão nordestino, salienta ainda que dentro do contexto das fazendas de gado sertanejas havia oficinas de olaria, cujas técnicas utilizadas condizem com aquelas trazidas pelos portugueses.

Relata a mãe da herdeira, à época uma senhora octogenária, que da própria fazenda se tirava o sustento: peixes do rio, criatórios de pequenos animais, roçados de mandioca, milho, feijão e coletas de licuris.

OS ARTEFATOS DOMÉSTICOS E LABORAIS

Foi relativamente amplo o acervo de vestígios recuperados durante as escavações, tratando-se principalmente de fragmentos construtivos provenientes da antiga casa. Tais vestígios apresentaram-se bastante diversificados, como: pregos, cravos, argolas, fechaduras, chaves, fragmentos de telhas, fragmentos de piso, e outros. Já dentre os vestígios de utilidade doméstica, foram recuperados fragmentos de louças, panela e outros fragmentos de cerâmica, colheres, facas, vidros para guardar bebidas e alguns copos. Além desses, foram resgatados objetos de uso pessoal como fivelas de cinto, frascos de remédios ou cosmético e moedas.

Alguns objetos provenientes da casa apresentam características do final do século XIX ao início do século XX, provavelmente relacionada a ocupação de uma única família, conforme constatamos nas entrevistas realizadas em campo.

Os vidros foram um tipo de vestígio amplamente encontrado no sítio, ao total foram coletados 459 fragmentos. Esse tipo de vestígio é muito presente nos sítios arqueológicos, principalmente após o século XVIII, sendo muito expressiva a sua presença dentre os materiais arqueológicos históricos.

Dentre as características dos vidros pode ser verificada a coloração, que para este sítio ocorre em ampla variação, desde várias tonalidades para o verde, a cor âmbar e transparente. Segundo Faccio & Di Baco (2008), as colorações verde e âmbar são as tonalidades naturais dos vidros, podendo variar devido ao tipo de areia utilizada durante a fabricação. Já os vidros transparentes possuem essa cor após serem adicionados agentes descolorantes.

Em meio a esses vidros coletados, foi possível identificar uma garrafa com a gravação João da Silva, Pelotas. O mesmo se refere a uma embalagem de medicamento, especificamente um xarope, chamado de Elixir de Nogueira (Figura 5), com composição de Salsa, Caroba e Guáiaico, um preparado alcoólico adocicado e aromatizado com algumas poucas quantidades de substâncias medicinais, produzido pelo farmacêutico João da Silva Silveira, em sua fábrica em Pelotas, RS. Era vendido no final do século XIX e na primeira metade do século XX, utilizado como depurativo do sangue e considerado o único remédio para o tratamento de sífilis.



Figura 5. Frasco (esquerda) e propaganda (direita) de Elixir de Nogueira.
Fontes: Fotografia da esquerda: os autores; propagada à direita: O Malho (1923).

Outro vidro encontrado foi do medicamento Biotônico Fontoura, produzido no início do século XX, que assim como outros tônicos fortificantes da época continha um teor alcoólico altíssimo, tendo sua fórmula modificada algumas décadas depois. A embalagem do medicamento Biotônico Fontoura, apresenta uma coloração esbranquiçada, o que corrobora com seu período de fabricação. Segundo Prospero (2009), recipientes de vidros esbranquiçados foram amplamente utilizados para frascos de alguns medicamentos e artigos de tocador desde o final do século XIX aos meados do século XX.

Uma embalagem de medicamento identificada como Trinevral de Angeli, medicamento com vitamina B1 (Tiamina cloridrato), vitamina B12 (Hydroxocobalamin) e vitamina B6 (Cloridrato de piridoxina). Hoje a fabricação desse medicamento foi substituída pelo Citroneurin, com a mesma fórmula e utilização, para problemas do sistema nervoso e anemia.

A coloração âmbar do Trinevral infere sobre sua produção ao final do século XIX do que a períodos mais anteriores (Prospero, 2009), devido aos seus registros mais comuns em contextos históricos para tal período.

No entanto, mais embalagens de medicamentos foram encontradas, algumas em vidros verdes e sem identificação, outras com registro apenas da fabricação do vidro, ano 1896, fabricado pela Vidraria Santa Marina, em São Paulo.

Embalagens de vidros na coloração verde, em várias tonalidades, são muito comuns para inúmeros tipos de uso, e mais corriqueiros ainda no início do século XX e raro para o final do século XIX (Prospero, 2009).

Além dos vidros de medicamento, também foram encontradas muitas garrafas de bebidas, algumas delas do início e meados do século XX, especificamente de 1957, como o fragmento de garrafa do refrigerante Coca-Cola.

Outra embalagem de bebida identificada na área foi de refrigerante Fratelli Vita. A bebida começou a ser fabricada durante a primeira guerra mundial, no entanto, com a suspensão de importações, a fábrica de refrigerantes instalada na Bahia passou a produzir suas próprias garrafas em 1920, em 1957 a empresa foi vendida para a empresa Brahma, mas no ano 2000 deixou de ser fabricada, atualmente levando esse nome apenas a água mineral da empresa (Gordilho, 2009).

Com o decorrer das análises é possível verificar que a ocupação da antiga casa ocorreu por muitos anos, fato que está vinculado aos vestígios dos anos 50 e 60 com a presença de vidros, como o fragmento (fundo) de um copo de geleia fabricado pela Empresa Nadir com geleia da Confeitaria Colombo, muito famosa no Rio de Janeiro desde o final século XIX e que passou a ser vendida pelo Brasil inteiro por muitos anos.

As louças foram vestígios muito presentes, 247 fragmentos ao total, muitas delas brancas lisas, sem decoração. De acordo a Lima (1989), as louças brancas surgiram da necessidade de obter um utensílio com uma pasta mais resistente e clara. Caracterizadas também por alguns autores como sendo provenientes de famílias com baixo poder aquisitivo, por serem produzidas em larga escala no Brasil, a partir do século XX, no intuito de atender a população de baixa renda. Conforme Souza (2013, p. 167) “a abertura das fábricas brasileiras de louça branca incide sobre um momento do século XX relacionado a aspectos bastante sabidos: os projetos de modernidade, as teses higienistas e a expansão ferroviária”.

As louças com decoração em alto relevo de motivos trigais e motivos florais também estão presentes entre o espólio. Esse tipo de louça foi bastante utilitária no Brasil ao final do século XIX, trazidas da Europa no início do século XX até os dias atuais, com fabricação brasileira inspirada em padrão estrangeiro.

Outras louças simples encontradas consistiram em um fragmento de xícara do século XX, com motivo decorativo floral e paisagem, com técnica de decalcomania; outros tipos correspondem a fragmentos que coincidem com os moldes de uma xícara e pratos das fabricas Adelinas. Outros fragmentos são de origem das louças São Caetano – Barros Loureiro & Filhos, Nadir e Matarazzo (Figura 6). Todas com seus símbolos de fábrica e com início de sua fabricação no começo do século XX em São Paulo.



Figura 6. Fragmentos de louças do sítio Fazenda Braúna I. À esquerda: fragmento de xícara com técnica de decalcomania; à direita: Fragmentos de xícara da fábrica Barros Loureiro & Filhos (São Caetano). Fontes: Fotografias dos autores.

Foram coletados fragmentos de louças com decoração *transfer-printing* verde, outras com padrões de faixas e frisos e mais uma série de outros fragmentos, no entanto sua maioria com muita dificuldade de investigação, devido à grande fragmentação das peças e porque muitos dos motivos decorativos foram base para as variadas fábricas de louças e porcelanas da época, além do que poucas peças encontradas continham o símbolo de fabricação.

Além das louças, também foram identificados fragmentos de cerâmica no Sítio Braúna I, incluindo uma panela bem preservada, cerâmicas em torno, cerâmicas decoradas e até cerâmica vitrificada em pequena quantidade, além de peso de rede feito também em cerâmica. No total, foram recuperados 695 fragmentos de cerâmica.

A cerâmica observada no sítio, quando analisada macroscopicamente, exibe características importantes da sua composição. Ela consiste principalmente de percentuais de areia grossa misturada com fragmentos de quartzo e carvões. Algumas dessas cerâmicas apresentam superfícies alisadas, com espessura reduzida e bordas finas, com coloração predominantemente escura.

A cerâmica mais fina, com aproximadamente 4 milímetros de espessura apresenta coloração que varia de tons acinzentados a pretos. Já as cerâmicas mais espessas, com cerca de 10 a 12 milímetros de espessura, exibem características heterogêneas, com uma sequência de pasta clara interna, pasta clara externa e núcleo escuro. Em ambos os casos estas características indicam processos de queima oxidante que ocorreu em baixa temperatura (500 a 600 °C). No caso específico da cerâmica acima mencionada como fina e cinza ou preta, pode ainda estar relacionada à presença de grande quantidade de matéria orgânica adicionada à pasta cerâmica (Oliveira *et al.*, 2016).

Quanto ao tratamento de superfície desses fragmentos cerâmicos, a maioria deles apresenta superfícies lisas, algumas podem ter sido alisadas usando materiais como madeira, pedra ou similares. Além disso, alguns fragmentos apresentam decorações digitadas, caracterizadas pelas fricções das pontas dos dedos, bem como decorações plásticas escovadas de forma irregular. Outras cerâmicas incluem decorações por pinturas de motivos florais (Figura 7).



Figura 7. Cerâmicas da Fazenda Braúna I. À esquerda: fragmento com decoração escovada de forma irregular; à direita: cerâmica com pintura floral nas cores branca e vermelha. Fontes: Fotografias dos autores.

A presença de tais decorações nas cerâmicas históricas sugere a influência das culturas indígenas e africanas nessa região. Este aspecto é discutido por Manfrini (2021), que destaca a importância dessas decorações na compreensão das dinâmicas de poder local e na resistência às opressões coloniais, mostrando como indivíduos usaram a cerâmica como um meio de expressar valores identitários.

Nesse contexto, a cerâmica desempenha um papel fundamental na arqueologia do Nordeste do Brasil, fornecendo informações valiosas sobre a história e cultura das populações que viveram na região ao longo do tempo. Ela é usada como um indicador cronológico e econômico que revela detalhes sobre famílias, habitações e áreas de assentamento.

Como cerâmicas neobrasileiras, Souza (1997) as descreve como uma categoria específica de cerâmica arqueológica destinada ao uso doméstico, produzida por grupos familiares de neobrasileiros. Ela é fabricada usando técnicas indígenas e pode ou não conter elementos adicionais (europeus e/ou africanos) em sua composição e decoração. A identificação precisa da cerâmica como neobrasileira é crucial para a compreensão das culturas e comunidades que a produziram.

A predominância da cerâmica local e regional em sítios arqueológicos do Nordeste do Brasil indica uma forte tendência desses grupos domésticos em utilizar produtos cerâmicos locais em suas atividades diárias, em contraste com a adoção limitada de itens de produção externa, como as louças.

Os motivos decorativos encontrados nas cerâmicas domésticas do Nordeste do Brasil, conforme discutido também por Cordaro (2019), frequentemente refletem a presença de influências indígenas na sua produção e muito presentes em comunidades do recôncavo da Bahia. Esses motivos decorativos podem incluir elementos culturais, históricos e simbólicos que fornecem informações valiosas sobre a identidade e cultura das populações que produziram essas cerâmicas.

Para tanto, a análise dos fragmentos coletados no sítio Braúna I infere sobre a utilização de cerâmica brasileira, em particular a cerâmica tradicional nordestina com forte influência das técnicas indígenas. Esses vestígios ainda são comuns na região atualmente, onde é possível encontrar na feira local, produtos de cerâmica contemporânea com características semelhantes às encontradas no sítio arqueológico.

As informações levantadas corroboram para o descrito em Symanski (2008), onde se observa que em sítios históricos, os fragmentos cerâmicos são os vestígios arqueológicos mais abundantes, indicando frequentemente uma economia não capitalista e uma forte dependência de recursos locais e regionais, refletindo uma autonomia na região.

Dentre os metais, ao total 115 objetos, as moedas destacam-se como importantes vestígios e que também fazem parte desse espólio. O resgate da moeda com a efígie do Imperador D. Pedro II, faz parte do terceiro sistema monetário do país, com produção entre os anos de 1868 a 1889 em bronze e níquel (Figura 8). A efígie é circundada pela inscrição PETRUS II. D. G. CONST. IMP. ET PERP. BRAS. DEF e o averso da moeda é constituído do brasão do império ladeado à esquerda pelo valor, podendo ser de 10, 20 ou 40 réis. Algumas dessas moedas foram cunhadas no Rio de Janeiro e outras em Bruxelas, Bélgica (Moedas do Brasil, 2015).

As moedas com o busto de D. Pedro II foram cunhadas durante os 60 anos de reinado do imperador, com diferentes faces, de acordo a cada período de sua vida da infância a velhice, o que demonstra a série de um longo reinado. A moeda encontrada no Sítio Fazenda Braúna I faz parte da última fase da vida do imperador. O destaque para esse registro infere fortes evidências para o início da ocupação da área, visto que outros artefatos como os vidros também possuem registros semelhantes, tratando-se do final do século XIX.

Outra moeda encontrada está entre as primeiras moedas cunhadas após a proclamação da República. Representa uma fase econômica da república velha de 1889 a 1912, cunhada em bronze nos valores de 40 e 20 réis. No averso são encontradas as armas nacionais orladas pela inscrição “Republica dos Estados Unidos do Brasil”, entre estrelas. Já o reverso apresenta nesse caso o valor de 20 réis dentro de anel de pérolas e orlado pela inscrição “Vinte Poupado, Vinte Ganho”. Segundo o Banco Central do Brasil (2004), as informações trazidas nas moedas tinham a intenção de fazer as pessoas poupar o dinheiro naquele período. A outra moeda encontrada, do ano de 1955, representa o cruzeiro da série ilustre com o busto do presidente Dutra. É uma moeda cunhada no final da II Guerra Mundial, no entanto com o alto valor do preço nos metais sua fabricação foi extinta em 1964 (Banco Central do Brasil, 2004).

Outros artefatos metálicos que merecem destaque são facas em metal (Figura 8), distribuídas pela área do sítio, na parte externa Oeste da casa. Segundo o relato de moradores locais, essas facas ou raspadores eram utilizados para limpar mandioca, trabalho realizado pelas mulheres e meninas da casa, auxiliando assim na produção de farinha de mandioca, visto que na propriedade tinha uma casa de farinha. As facas rudimentares ou raspadores possuem um papel muito importante, pois elas enfatizam a cultura nordestina voltada para a fabricação de farinha e além disso, a agricultura familiar era muito presente e para esse contexto, a força das mulheres se faz presente na raspagem da mandioca e produção da farinha e beiju.



Figura 8. Moedas. À esquerda: moeda com a efígie do Imperador D. Pedro II. À direita: faca usada na casa de farinha para a raspagem da mandioca. Fonte: Fotografias dos autores.

Vestígios em madeira também foram resgatados, quatro ao total, como tramelas para fecho das portas antigas, bem como partes dos telhados da casa. Assim como líticos presentes entre os vestígios coletados, somando sete ao total, representados como batedores e pequenas bigornas em pedra utilizados para a quebra de licuris. Alguns deles estavam sendo reutilizados como partes das pedras do alicerce da casa, conforme já relatado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A variabilidade da cultura material para esse sítio aponta para uma economia sertaneja relativamente autossuficiente, onde é observada a autonomia para a construção de residências (sede da fazenda) e de outras estruturas produtivas como a casa de farinha, a partir da produção própria de telhas, tijolarias e adobes na olaria; ademais, a prática da agricultura familiar na margem do rio (incluindo a criação de pequenos animais) e o comércio de insumos resultantes do extrativismo vegetal, a exemplo do licuri, completam a cadeia de produção e sustento local em que essas comunidades sertanejas viviam. Tais considerações se dão em face não apenas das informações coletadas nas entrevistas, mas também e não menos importante, quando se constata a estrutura produtiva da fazenda, como a olaria e a casa-de-farinha, além da quantidade de facas para a limpeza da mandioca e fabricação de farinha e de batedores e bigornas para a quebra do licuri.

A presença de objetos como louças e copos, além de medicamentos e outros produtos originários do Sudeste (São Paulo e Rio de Janeiro) e do Sul (Pelotas), no final do século XIX e início do século XX, acentua o interesse da comunidade estudada pela modernidade da época, bem como em adquirir produtos impossíveis de serem produzidos localmente.

No que se refere à antiguidade do sítio e sua relação com a história do município, embora a cidade de Nordestina seja recente, esta se localiza numa área do Sertão baiano onde o início da exploração e do povoamento, mesmo rarefeito, remonta aos primórdios do período colonial brasileiro. Sabemos assim, que a pobreza do solo não admitiu que grandes fazendas de monocultura se desenvolvessem como ocorreu na Zona da Mata nordestina, devido ao seu ambiente, contudo o seu aproveitamento aconteceu pelo sistema colonial centrado na pecuária extensiva, combinada com a agricultura de subsistência estimulado pela proximidade do rio Itapicuru. A Fazenda Braúna se mostra assim como um dos primeiros assentamentos locais, situada

temporalmente em finais do século XIX, recuando algumas décadas a origem do povoamento de Nordestina que é tida como sendo de 1937.

No mais, é importante destacar que os vestígios históricos resgatados do sítio condizem com a vida cotidiana local, e a produção econômica rural que era liderada pelas fazendas de gado que se implantaram no sertão desde o século XVIII.

REFERÊNCIAS

- Araújo, F. E. (2016). As coisas e os homens: casas de farinha, cultura material e experiências do cotidiano das farinhadas. *Temporalidades - Revista de História*, 8(3), 337-360.
- Banco Central do Brasil. (2004). *Dinheiro no Brasil*. 2a edição. Brasília: BCB.
- Batista, M. R. R. (2001). *Lauda Antropológico do Grupo Autodenominado Tumbalalá – Bahia*. Vol. I. Os Tumbalalá. Rio de Janeiro: UFPB/UFRJ.
- Brancante, E. da F. (1981). *O Brasil e a cerâmica antiga*. São Paulo: s/e.
- Brochado, J. P. (1974). Contatos entre europeus e indígenas: um estudo de aculturação através das mudanças na cultura material. *Revista do IFCH/ UFRGS*, 2, 11-47.
- Chmyz, I. (1976). Terminologia arqueológica brasileira para a cerâmica. *Cadernos de Arqueologia, Museu de Arqueologia e Artes Populares, Paranaguá*, 1, 119-148.
- Cordaro, R. (2019). *Dona Cadu - Oralidade, memórias e saberes centenários*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro de Artes, Humanidades e Letras, Mestrado Profissional em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas, Cachoeira.
- De Lima, D. R., Bessa, S. L. A., & Eires, R. (2019). As origens da construção vernacular no Sertão do Nordeste Brasileiro. In *2º Seminário de Arquitetura Vernacular. Belo Horizonte: Editora da Universidade Federal de Minas Gerais*.
- De Sousa, G. S. D. (1851). *Tratado descritivo do Brasil em 1587*. Rio de Janeiro: Typgraphia Universal de Laemmert.
- Dias Jr., O. F. (1988). A Cerâmica neo-brasileira. *Arqueo-IAB, Textos Avulsos*, 1, 3-13.
- Diniz, M. (2005). Sesmarias e posse de terras: política fundiária para assegurar a colonização brasileira. *Histórica Revista online do Arquivo Público de São Paulo. Arquivo Público do Estado de São Paulo*, São Paulo. Disponível em:
<<http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao02/materia03/Sesmarias.pdf>>. [cons. 08 dez. 2021]
- Faccio, N. B., & Di Baco, H. M. (2008). O grés, a cerâmica vidrada e os vidros dos sítios históricos Itatiba e Itatiba II. *Revista Tópos*, 2(1), 20-41.
- Gheno, D. A., & Machado, N. T. G. (2013). Arqueologia Histórica – Abordagens. *História: Questões & Debates*, 58, 161-183.
- Hohenthal Junior, W. D. (1960). The general characteristics of Indian cultures in the São Francisco Valley. *Revista do Museu Paulista*, 12, 73-86.
- IBGE. Cidades. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 2022. Disponível em:
<<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/nordestina/panorama>> [cons. 17 fev. 2022]

- Juliani, L. de J. C. O., & Santos, M. do C. M. (2003). Levantamento arqueológico na Ferronorte (MS/MT): resultados e reflexões. Em Moraes, J. L. de, Coutinho Afonso, M., & Martins, D. C. (Eds.). *Anais do 12º Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira*. São Paulo: SAB.
- La Salvia, F., & Brochado, J. P. (1989). *Cerâmica Guarani*. Porto Alegre: Posenato Arte e Cultura.
- Lima, T. A. (1989). Arqueologia Histórica: algumas considerações teóricas. *Clio*, 5, 87-99.
- Lima, T. A. (1995). Pratos e mais pratos: louças domésticas, divisões culturais e limites sociais no Rio de Janeiro, século XIX. *Anais do Museu Paulista: história e cultura material*, 3, 129-191.
- Lima, T. A. (1997). Chá e simpatia: uma estratégia de gênero no Rio de Janeiro oitocentista. *Anais do Museu Paulista: história e cultura material*, 5, 93-129.
- Manfrini, M. R. (2021). Variabilidade decorativa na cerâmica paulista colonial: influências e resistências. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, 37, 178-203.
- Mascarenhas, M. J. R. (2017). Micro-produção na Bahia colonial-1760-1808. In *XII Congresso Brasileiro de História Econômica & 13ª Conferência Internacional de História de Empresas*. Vol. 20, No. 8. Disponível em: <<http://www.abphe.org.br/uploads/ABPHE>>. [cons. 08 dez. 2021]
- Mattoso, K. M. de Q. (1992). *Bahia, século XIX. Uma Província do Império*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.
- Moedas do Brasil (2015). [Blog post]. Disponível em: <<https://www.moedasdobrasil.com.br/moedas/catalogo.asp?s=204&xm=1376>>. [cons. 10 out. 2015]
- Neves, E. F. (2012). Perspectivas Historiográficas do Império e da Primeira República sobre os Sertões da Bahia. *Revista Binacional Brasil-Argentina: Diálogo entre as ciências*, 1(2), 11-32.
- Oliveira, C., Borges, L. E. P., Pedroza, I., Arnaldo, E. A., Castro, V., & Ghetti, N. C. (2016). Estudos do Processo de Queima da Cerâmica Pré-Histórica do Sítio Arqueológico Serra do Evaristo I–Baturité-CE/Brasil. *Colloquium Humanarum*, 13(1), 116-135.
- O malho (1923). O grande depurativo do sangue: Elixir de Nogueira. *O malho*, 1110(1), 65.
- Pacheco, A. D. C., dos Santos, S. L., & de Castilho, C. J. M. (2017). Condições de trabalho em casas de farinha: continuidade ou mudança no tempo-espço? *Revista Movimentos Sociais e Dinâmicas Espaciais*, 6(1), 175-194.
- Pompa, C. (2003). *Religião como tradução: missionários, Tupi e "Tapuia" no Brasil colonial*. Bauru: EDUSC.
- Próspero, M. F. (2009). *Achados em vidro no Sítio Arqueológico São Francisco (SSF-01), São Sebastião (SP): levantamento e identificação dos vestígios entre os anos de 1992 e 1995*. Dissertação (Mestrado). Universidade de Santo Amaro, São Paulo.
- Gordilho, V. (Org.). (2009). *Ruínas Fratelli Vita: intervenções. Teoria e técnicas de processos artísticos*. Salvador: MAMETO.
- Silva, B. B. D., Alves, J. J., Cavalcanti, E. P., & Dantas, R. T. (2002). Potencial eólico na direção predominante do vento no Nordeste brasileiro. *Revista brasileira de engenharia agrícola e ambiental*, 6, 431-439.
- Silva, J. C. (2003). *Arqueologia no médio São Francisco. Indígenas, vaqueiros e missionários*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em História da, Recife.
- Souza, A. M. D. (1997). Dicionário de arqueologia. *Rio de Janeiro: ADESA*.

- Souza, R. A. (2013). Não somos estrangeiras! Pelas louças brasileiras. *Cadernos do LEPAARQ (UFPEL)*, 10(20), 159-182.
- Symanski, L. C. P. (2008). Práticas econômicas e sociais no sertão cearense no século XIX: um olhar sobre a cultura material de grupos domésticos sertanejos. *Revista de arqueologia*, 21(2), 73-96.
- Zanettini, P. E., & Camargo, P. B. (1999). *Cacos e mais cacos de vidro: o que fazer com eles?* São Paulo: Zanettini Arqueologia.